



RETORNO A VIDA CORPORAL

Godoy Paiva

O Livro dos Espíritos
cap. VII - qq. 330 à 399

RESUMOS: Síntese de O Livro dos Espíritos – B.

Pesquisa e Composição: **Elio Mollo**

O Espiritismo é ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência, consiste nas relações que podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.

Podemos assim defini-lo:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, e de suas relações com o mundo corporal.

Allan Kardec, no livro «O QUE É O ESPIRITISMO», (Preâmbulo).

14. – Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.

55. – Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. **As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram de Deus.**

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentira à sua origem e ao seu fim providencial. **Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.**

Allan Kardec, no livro «A GÊNESE», itens 14 e 55.

I - Prelúdio do retorno

330 - Se a alma não atingiu a perfeição durante a vida corpórea, é necessário que ela submeta à prova em uma outra existência para poder depurar-se. Assim, quando está próximo a época em que deve reencarnar, ela (a alma) têm um pressentimento disso. Sabe que deve retomar um corpo, da mesma forma que sabemos que devemos morrer um dia, mas ignora quando isso acontecerá.

330a - Podemos dizer com segurança, que a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como a morte é uma necessidade da vida corpórea.

331 - Nem todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação, há os que absolutamente não pensam nela, que nem mesmo a compreendem; isso depende de sua natureza mais ou menos avançada. Para alguns, a incerteza quanto ao futuro é uma punição.

332 - O Espírito pode abreviar o momento da reencarnação, solicitando-o por preces e pode também retardá-lo, se recuar ante a prova. Porque entre os Espíritos há também indiferentes e aqueles que não tem coragem; mas não o faz impunemente pois sofre com isso, como aquele que recusa o remédio que o pode curar.

333 - Mesmo que o Espírito se sentisse bastante feliz numa condição mediana entre os Espíritos errantes, e não tivesse a intenção de elevar-se, não poderia ficar eternamente nessa condição, pois, chegaria o dia em que ele mesmo sentiria a necessidade de avançar; todos devem elevar-se, pois essa é a meta a ser atingida.

334 - A união da alma com este ou aquele corpo é sempre designado com antecedência. Escolhendo a prova que deseja sofrer, o Espírito pede para se encarnar; Deus, que tudo sabe e tudo vê, sabe e vê com antecedência que tal alma se unirá a tal corpo.

335 - O Espírito também tem o direito de escolher o corpo, porque as imperfeições do corpo são provas que o ajudam no seu adiantamento, se ele vencer os obstáculos encontrados; mas a escolha não depende sempre dele; ele pode pedir.

335a - Se o Espírito no último momento recusasse o corpo escolhido, sofreria mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova.

336 - A criança quando deve nascer para viver, tem sempre uma alma predestinada; nada é criado sem um desígnio.

337 - A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus, da mesma maneira que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de uma criança que, por seu nascimento e pela posição que terá no mundo, poderá tornar-se para ele um meio de castigo.

338 - Muitos Espíritos podem pedir a Deus para nascer num determinado corpo que vai nascer, mas é Deus quem julga, em casos assim, o que possuir melhor capacidade para preencher a missão e que irá se utilizar desse corpo. Mas, como já foi dito, o Espírito é designado antes do instante em que deve unir-se ao corpo.

339 - A perturbação no momento da encarnação é muito maior e mais longa do que a que se verifica no momento da desencarnação. Na morte, o Espírito sai da escravidão; no nascimento ele entra nela.

340 - No instante em que o Espírito deve encarnar-se ele sente como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e não sabe se vai encontrar a morte nas vagas que o afronta.

NOTA DE ALLAN KARDEC: O viajante que embarca sabe a que perigos se expõe, mas não sabe se naufragará. Assim se dá com o Espírito: ele conhece o gênero de provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Da mesma maneira que a morte do corpo é um renascimento para o Espírito, a reencarnação é para ele uma espécie de morte, ou antes, de exílio e de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos. O Espírito sabe que se reencarnará, como homem sabe que morrerá; mas, como este, não tem consciência do fato senão no último momento, quando chega o momento desejado. Então, nesse momento supremo, a perturbação o envolve, como no homem em agonia, e essa perturbação persiste até que a nova existência esteja nitidamente firmada. O início da reencarnação é uma espécie de agonia para o Espírito.

341 - A incerteza do Espírito quanto à eventualidade do sucesso das provas que vai sofrer na vida é para ele uma grande aflição, antes da encarnação, pois as provas da sua existência o retardarão ou o farão avançar, segundo as tiver bem ou mal suportado.

342 - O acompanhamento de outros Espíritos, ou mesmo de amigos, que o assistem no momento da encarnação, depende da esfera que o Espírito habita. Se está nas esferas em que reina afeição, os Espíritos que o amam o acompanham até o derradeiro momento, o encorajam, e freqüentemente mesmo, o seguem durante a vida.

343 - Os Espíritos amigos, que nos seguem durante a vida, são por vezes os mesmos que muito freqüentemente os vemos em sonhos, que nos testemunham a sua afeição e que muitas vezes se apresentam com feições desconhecidas; eles vem visitar-nos, como quando vamos visitar um prisioneiro nas grades.

RESUMO

Os Espíritos pressentem a época em que vão reencarnar. Entretanto, existem muitos, quem nem pensam nessa possibilidade e nem sequer a compreendem. Eles podem apressar a reencarnação, como distanciá-la, recuando diante da prova. Porém, ninguém procede assim impunemente, pois sofre com isso. O Espírito não pode ficar eternamente numa mesma condição, assim, chegará o dia em que ele mesmo sentirá a necessidade de progredir.

Todos devem progredir, espiritualmente falando, pois essa é uma meta a ser atingida.

A união da alma com o corpo é sempre designado com antecedência. Escolhendo a prova que deseja realizar, o Espírito pode escolher o corpo em que deve reencarnar e pedir sua reencarnação. Devemos ter em mente, que nem sempre é permitida a escolha e que algumas vezes a reencarnação em determinado corpo pode ser imposta.

No momento de encarnar, o Espírito sofre uma perturbação e por vezes muito maior e mais longa, semelhante aquela que experimenta ao desencarnar, porque pela morte ele sai da escravidão, e pelo nascimento entra para ela. Conforme a esfera a que pertença, o Espírito se acha acompanhado de outros, seus amigos, que vêm assistir a sua partida do mundo incorpóreo e lhe seguem muitas vezes os passos pela vida afora.

Muitas vezes vemos Espíritos, em sonho, que nos testemunham afeto e que nos são desconhecidos. São Espíritos amigos, que nos seguem os passos na vida, e que nos visitam, como se visita a uma encarcerado.

Livro "Missionários da Luz" - Cap. 12 - André Luiz

Nome de alguns personagens envolvidos neste capítulo:

ALEXANDRE, ANDRÉ LUIZ, JOSINO, MANASSÉS e ANACLETA.

ANDRÉ LUIZ : — Sabe de alguém que tenha regressado à Crosta?

MANASSÉS: — Sim.

ANDRÉ LUIZ: — Naturalmente terá escolhido um organismo irrepreensível.

MANASSÉS: — Nenhum dos que tenho visto partir, embora os méritos de que se encontravam revestidos, escolheram formas irrepreensíveis, quanto às linhas exteriores. Solicitaram providências em favor da existência sadia, preocupando-se com a resistência, equilíbrio, durabilidade e fortaleza do instrumento que os deveria servir, mas pediram medidas tendentes a lhes atenuarem o magnetismo pessoal, em caráter provisório, evitando-se-lhes apresentação física muito primorosa, ocultando, assim, a beleza de suas almas para a eficiente garantia de suas tarefas. Assim procedem, porquanto, vivendo a maioria das criaturas no jogo das aparências, quando na Crosta Planetária, incumbir-se-iam elas próprias de es-

magar os missionários do Bem, se lhes conhecessem a verdadeira condição, através das vibrações destruidoras da inveja, do despeito, da antipatia gratuita e das disputas injustificáveis. Em vista disso, os trabalhadores conscientes, na maioria das vezes, organizam seus trabalhos em moldes exteriores menos graciosos, fugindo, por antecipação, ao influxo das paixões devastadoras das almas em desequilíbrio.

II - União da alma e do corpo. Abortos.

344 - A união da alma ao corpo começa na concepção, mas não se completa senão no instante do nascimento. Desde o momento da concepção, o Espírito designado para tomar determinado corpo a ele se liga por um laço fluídico que se vai encurtando cada vez mais, até o instante em que a criança vem a luz; o grito que então se escapa de seus lábios anuncia que a criança entrou para o número dos vivos e dos servos de Deus.

345 - A união entre o Espírito e o corpo é definitiva, no sentido em que outro Espírito não poderia substituir o que foi designado para o corpo, mas, como os laços que o prendem são muito frágeis, fáceis, de romper, podem ser rompidos pela vontade do Espírito que recua ante a prova escolhida. Nesse caso, a criança não vingará.

346 - Se acontecer de o corpo que o Espírito escolheu morrer antes de ele nascer, ele provavelmente escolherá outro.

346a - As imperfeições da matéria, na maioria das vezes, são as causas das mortes prematuras.

347 - A importância da morte prematura, ou pouco tempo após a encarnação é quase nula para o Espírito, pois o ser ainda não tem consciência de sua existência; freqüentemente, trata-se de uma prova para os pais.

348 - O Espírito, algumas vezes, sabe com antecedência, que o corpo que escolheu não tem possibilidade de viver; mas, se o escolheu por esse motivo, é que recua ante a prova.

349 - Quando falha uma encarnação para o Espírito, por uma causa qualquer, ele nem sempre é suprida imediatamente por outra existência; o Espírito necessita de tempo para escolher de novo, a menos que a re-encarnação instantânea decorra de uma determinação anterior.

350 - O Espírito, uma vez encarnado, não pode lamentar uma escolha de que não tem consciência, mas pode achar muito pesada a carga. E, se a considera acima de suas forças, é então que recorre ao suicídio.

351 - Desde o instante da concepção, a perturbação começa a envolver o Espírito, advertido assim de que chegou o momento de tomar uma nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é mais ou menos o de um Espírito encarnado, durante o sono do corpo. À medida que o momento do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança do passado se apaga desde que entrou na vida. Mas essa lembrança lhe volta pouco a pouco à memória, no seu estado de Espírito.

352 - No instante do nascimento o Espírito não recobra imediatamente a plenitude de suas faculdades: elas se desenvolvem gradualmente, com os órgãos. Ele se encontra numa nova existência; é preciso que aprenda a se servir dos seus instrumentos: as idéias lhe voltam pouco a pouco, como um homem que recorda e se encontra numa posição diferente da que ocupava antes dormir.

353 - O Espírito que deve animar um corpo existe, de qualquer maneira, fora dele. Propriamente falando, ele não tem uma alma, pois a encarnação está apenas em vias de se realizar, mas está ligado à alma que deve possuir.

354 e 355 - A vida intra-uterina é como a da planta que vegeta. A criança vive a vida animal e a vida vegetal, que se completa, ao nascer, com a vida espiritual.

356 e 356a - Há crianças natimortas que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos: nada devia cumprir-se nelas. É somente pelos pais que essa criança nasce. Algumas vezes, esse ser, pode chegar ao tempo normal de nascimento, mas não viverá.

356b - Toda criança que sobrevive necessariamente tem que possuir um Espírito. Que seria ela sem o Espírito? Não seria um ser humano.

Livro "Missionários da Luz" - Cap. 13 - André Luiz

Nome dos personagens envolvidos neste capítulo: ALEXANDRE, ANDRÉ LUIZ, SEGISMUNDO, ADELINO, RAQUEL, HERCULANO e JOÃOZINHO.

ALEXANDRE: — Segismundo, ajude-nos! Mantenha clareza de propósitos.

ALEXANDRE: — Agora sintonize conosco relativamente à forma pré-infantil. Mentalize sua volta ao refúgio maternal da carne terrestre! Lembre-se da organização fetal, faça-se pequenino! Imagine sua necessidade de tornar a ser criança para aprender a ser homem.

André Luiz relata que essa operação não foi curta, nem simples e que identificava o esforço geral para que se efetuasse a redução necessária.

ALEXANDRE: — ... os processos de reencarnação, tanto quanto da morte física, diferem ao infinito, não existindo, segundo cremos, dois absolutamente iguais.

ALEXANDRE: — A reencarnação de Segismundo às diretrizes mais comuns. Traduz expressão simbólica da maioria dos fatos dessa natureza, porquanto o nosso irmão pertence à enorme classe média dos Espíritos que habitam a Crosta, nem altamente bons, nem conscientemente maus. Acresce notar, todavia, que a volta de certas entidades das regiões mais baixas ocasiona laboriosos e pacientes esforços dos trabalhadores de nosso plano. Semelhantes seres obrigam-nos a processos de serviço que você gastará ainda muito tempo para compreender.

357 - Para o Espírito, as conseqüências do aborto são uma existência nula e a recomeçar.

358 - O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época de sua concepção, pois há uma transgressão a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida da criança antes do nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento.

359 - No caso em que a vida da mãe estará em perigo pelo nascimento da criança, é preferível sacrificar o ser que não existe a sacrificar o que existe (no caso a mãe).

360 - É racional ter respeito pelos fetos, da mesma forma de uma criança que tivesse vivido, pois em tudo existe a vontade de Deus e a sua obra, e não se deve tratar levianamente as coisas que se deve respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, que as vezes são incompletas pela vontade do Criador? Isso pertence aos seus desígnios, que ninguém é chamado a julgar.

RESUMO

A união da alma ao corpo começa na concepção, mas só está completa na ocasião do nascimento na Terra. Até aí, o Espírito está ligado ao corpo por um laço fluídico, que cada vez mais vai se apertando, até o instante em que a criança vê a luz. Se o corpo que ele escolheu morre antes de se verificar o nascimento, o Espírito escolhe outro. Essas mortes prematuras, as mais das vezes, são conseqüentes de imperfeição da matéria.

No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, o Espírito goza das suas faculdades mais ou menos, conforme o ponto em que se encontre, porquanto ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A vida intra-uterina é como a da planta, que vegeta. Isto posto, constitui crime a provocação de um aborto, porque se impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que estava se formando.

Livro "Vida e Sexo" - Cap. 17 - Emmanuel

ABORTO

Falamos naturalmente acerca de relações internacionais, sociais, públicas, comerciais, clareando as obrigações que elas envolvem; no entanto, muito freqüentemente marginalizamos as relações sexuais — aquelas em que se fundamentam quase todas as estruturas da ação comunitária.

Esquece-se, habitualmente, de que o homem e a mulher, via de regra, experimentam instintivo horror à solidão e que, à vista disso, a comunhão sexual reclama segurança e duração para que se mostre assente nas garantias necessárias.

Impraticável, sem dúvida, impor a continuidade da ligação entre duas criaturas, a preço de violência; no entanto, à face das contingências e contratempos pelos quais o carro da união esponsalícia deve passar pelas estradas do mundo, as leis da vida, muito sabiamente, estabelecem nos filhos os elos da comunhão entre os cônjuges, atribuindo-lhes a função de fixadores da organização familiar; com a colaboração deles, os deveres do companheiro e da companheira, no campo da assistência recíproca, se revelam mais claramente perceptíveis e o lar ser alteia por escola de aperfeiçoamento e de evolução, em marcha para a aquisição de mais amplos valores do espírito, no Mundo Maior.

De todos os institutos sociais existentes na Terra, a família é o mais importante, do ponto de vista dos alicerces morais que regem a vida.

É pela conjunção social entre o homem e a mulher que a Humanidade se perpetua no Planeta; em virtude disso, entre pais e filhos residem os mecanismos da sobrevivência humana, quanto à forma física, na face do orbe.

Fácil entender que é assim justamente que nós, os espíritos eternos, atendendo aos impositivos do progresso, nos revezamos na arena do mundo, ora envergando a posição de pais, ora desempenhando o papel de filhos, aprendendo, gradativamente, na carteira do corpo carnal, as lições profundas do amor — do amor que nos soerguerá, um dia, em definitivo, da Terra para os Céus.

Com semelhantes notas, objetivamos tão-só destacar a expressão calamitosa do aborto criminoso, praticado exclusivamente pela fuga ao dever.

Habitualmente — nunca sempre — somos nós mesmos quem planifica a formação da família, antes do renascimento terrestre, com o amparo e a supervisão de instrutores beneméritos, à maneira da casa que levantamos no mundo, com o apoio de arquitetos e técnicos distintos.

Comumente chamamos a nós antigos companheiros de aventuras infelizes, programando-lhes a volta em nosso convívio, a prometer-lhes socorro e oportunidade, em que se lhes reedifique a esperança de elevação e resgate, burilamento e melhoria.

Criamos projetos, aventamos sugestões, articulamos providências e externamos votos respeitáveis, englobando-nos com eles em salutareos compromissos que, se observados, redundarão em bênçãos substanciais para todo o grupo de corações a que se nos vincula a existência. Se, porém, quando instalados na Terra, anestesiemos a consciência, expulsando-os de nossa companhia, a pretexto de resguardar o próprio conforto, não lhes podemos prever as reações negativas e, então, muitos dos associados de nossos erros de outras épocas, ontem convertidos, no Plano Espiritual, em amigos potenciais, à custa das nossas promessas de compreensão e de auxílio, fazem-se hoje — e isto ocorre bastas vezes, em todas as comunidades da Terra — inimigos recalcados que se nos entranham à vida íntima com tal expressão de desencanto e azedume que, a rigor, nos infundem mais sofrimento e aflição que se estivessem conosco em plena experiência física, na condição de filhos-problemas, impondo-nos trabalho e inquietação.

Admitimos seja suficiente breve meditação, em torno do aborto delituoso, para reconhecermos nele um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões. ■

III - Faculdades Morais e Intelectuais

361 - No homem, as suas qualidades morais, boas ou más, são do Espírito que estiver encarnado nele; quanto mais puro esse Espírito, mais o homem é propenso ao bem. Resulta daí que o homem de bem é a encarnação de um Espírito que já conquistou durante as outras encarnações boas qualidades, e o homem vicioso é a de um Espírito ainda imperfeito.

362 - Os Espíritos brejeiros e levianos (alguns os chamam de duendes) quando encarnados normalmente são estouvados, espertalhões, e algumas vezes, malfazejos.

363 - Os Espíritos não tem paixões estranhas a humanidade; se assim fosse, nós também a teríamos.

364 - O Espírito que possui boas qualidades morais e é inteligente, quando encarnado, seguramente é o mesmo na razão do grau a que tenha chegado, pois, o homem não tem em si dois Espíritos.

365 - Existem homens inteligentes, que parecem revelar que um Espírito superior está encarnado neles, mas que ao mesmo tempo são profundamente viciosos. É que o Espírito que encarna cada um desses homens, ainda não é suficientemente puro, e o homem cede à influência de outros Espíritos ainda piores. O Espírito progride numa marcha ascendente insensível, mas o progresso não se realiza simultaneamente em todos os sentidos; num período, ele pode avançar na ciência, num outro em moralidade.

366 - Como já vimos, num homem está encarnado um único Espírito, portanto, não se deve acreditar que existem dois ou mais Espíritos encarnados num mesmo homem, isto é absurdo. O Espírito deve ter todas as aptidões. Para progredir, necessita de uma vontade única. Se o homem fosse um conjunto de Espíritos, essa vontade não existiria e ele não teria individualidade, pois na sua morte todos esses Espíritos seriam como um bando de pássaros escapando da gaiola. O Homem se queixa muitas vezes por não compreender algumas coisas, mas é curioso ver-se como ele multiplica as dificuldades, quando tem em mãos uma explicação muito simples e natural. Isso é ainda tomar o efeito pela causa: fazer com o homem o que os pagãos faziam com Deus. Eles acreditavam em tantos deuses quanto os fenômenos do Universo. Mas, mesmo entre eles, as pessoas sensatas não viam nesses fenômenos mais do que efeitos, tendo por causa um Deus único.

NOTA DE ALLAN KARDEC: O mundo físico e o mundo moral nos oferecem, a respeito, numerosos pontos de comparação. Acreditou-se na multiplicidade da matéria, enquanto o exame se detinha na aparência dos fenômenos; hoje, compreende-se que esses fenômenos tão variados podem não ser mais do que modificações de uma matéria elementar e única. As diversas faculdades são manifestações de uma mesma causa que é a alma, como os diferentes sons do órgão são produtos de uma espécie de ar, e não de tantas espécies de ar quantos forem os sons. Desse sistema resultaria que, quando um homem perde ou adquire certas aptidões, certas tendências, isso significaria que outros tantos Espíritos o possuíram ou deixaram, o que o tornaria um ser múltiplo, sem individualidade, e conseqüentemente sem responsabilidade. Isto, além do mais, é contraditado pelos tão numerosos exemplos de manifestações em que os Espíritos provam sua personalidade e sua identidade.

RESUMO

As qualidades morais, boas ou más, do homem, são as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem é o homem. O homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito; por isso, o caráter dos indivíduos em que encarnam Espíritos desajuizados e levianos é, não raro, o de criaturas malfazejas. O Espírito sempre progride em insensível marcha ascendente, mas o progresso não se efetua simultaneamente em todos os sentidos. Durante um período de sua existência, ele se adianta em ciência; durante outro, em moralidade.

IV - Influência do organismo

367 - A matéria não é senão um envoltório do Espírito, como o vestuário é o envoltório do corpo. Unindo-se ao corpo, o Espírito conserva os atributos de sua natureza espiritual.

368 - O exercício das faculdades depende dos órgãos que servem de instrumento ao Espírito encarnado; elas são enfraquecidas pela grosseria da matéria.

368a - O envoltório material é um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, assim como um vidro opaco se opõe à livre emissão da luz.

NOTA DE ALLAN KARDEC: Pode-se ainda comparar a ação da matéria grosseira do corpo sobre o Espírito à da água lamacenta, que tira a liberdade dos movimentos aos corpos nela mergulhados.

369 - Os órgãos são os instrumentos de manifestação das faculdades da alma. Essas manifestações se encontram subordinadas ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, como a boa qualidade de um trabalho, à boa qualidade da ferramenta.

370 - O Espírito tem sempre as faculdades que lhe são próprias; não são os órgão que dão as faculdades, mas as faculdades que conduzem ao desenvolvimento dos órgãos.

370a - As qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos avançado, são o princípio, mas é preciso ter em conta a influência da matéria que entrava, mais ou menos, o exercício dessas faculdades.

RESUMO

A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como o vestuário o é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual. O exercício das suas faculdades depende dos órgãos que lhe servem de instrumento. A grosseria da matéria se enfraquece. O invólucro material é obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, assim como um vidro muito opaco o é à livre irradiação da luz. O Espírito, porém, dispõe sempre das faculdades que lhe são próprias. Não são os órgãos que dão a faculdade, e sim estas que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.

V - Idiotismo e loucura

371 - Não tem fundamento a opinião segundo a qual os cretinos e os idiotas têm uma alma de natureza inferior, ao contrário, eles tem uma alma humana, muitas vezes mais inteligente do que se possa pensar, e que sofre dos meios de que dispõe para se comunicar, do mesmo modo que o mudo sofre a de não poder falar.

372 - O objetivo da Providencia criando seres infelizes como cretinos e idiotas, e que habitando corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem pelo constrangimento que experimentam e pela impossibilidade em que se encontram de se manifestarem por meio de órgãos não desenvolvidos ou desarranjados.

373 - O mérito da existência para seres, como os idiotas e os cretinos, que não podem fazer nem bem nem mal, não podendo progredir, e que é uma expiação imposta ao abuso que fizeram de certas faculdades; é um tempo de prisão.

373a - Um corpo de idiota pode, assim, abrigar um Espírito que animou um homem de gênio na existência precedente, o gênio, às vezes, torna-se um flagelo quando dele se abusa.

NOTA DE ALLAN KARDEC: A superioridade moral não está sempre em razão da superioridade intelectual, e os maiores gênios podem ter muito a expiar; daí resulta, freqüentemente, para eles uma existência inferior a que tiveram e uma causa de sofrimentos. Os entraves que o Espírito experimenta em suas manifestações lhe são como as correntes que comprimem os movimentos de um homem vigoroso. Pode-se dizer que o cretino e o idiota são estropiados pelo cérebro, como o é o coxo pelas pernas, o cego pelos olhos.

374 - O idiota, no estado de Espírito, tem consciência de seu estado mental. Muito freqüentemente; ele compreende que as cadeias que entravam seu vôo são uma prova e uma expiação.

375 - A situação do Espírito na loucura é que o Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria; encarnado, porém, encontra-se em condições muito diferentes e na contingência de só fazer com a ajuda de órgãos especiais. Que uma parte ou o conjunto desses órgãos seja alterada, sua ação ou suas impressões, naquilo que concerne a esses órgãos, ficam interrompidas. Se ele perde os olhos, torna-se cego; se perde o ouvido, torna-se surdo, etc. Imagina agora que o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade seja parcial ou inteiramente atacado ou modificado, e te será fácil compreender que o Espírito, não tendo mais a seu serviço senão órgãos incompletos ou

desnaturados, deve lhe resultar uma perturbação, da qual, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas não é senhor para deter o curso.

375a - É sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado, mas é preciso não perder de vista que, do mesmo modo que o Espírito atua sobre ele em uma certa medida, e que o Espírito pode se encontrar momentaneamente impressionado pela alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe suas impressões. Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou bastante, a repetição dos mesmos atos acabe por ter, sobre o Espírito, uma influência da qual não se livra senão depois de sua completa separação de todas as impressões materiais.

376 - O motivo que, algumas vezes, a loucura leva ao suicídio, e que, o Espírito sofre com o constrangimento que experimenta e com a impossibilidade, em que se encontra, de se manifestar livremente, por isso busca na morte um meio de romper os seus laços.

377 - O Espírito do alienado pode sentir por algum tempo ressentimento depois da morte, do desarranjo de suas faculdades, até que esteja completamente desligado da matéria, como o homem que acorda se ressentido algum tempo da perturbação em que o sono o mergulha.

378 - A alteração do cérebro reagir sobre o Espírito depois da morte é uma lembrança; um peso oprime o Espírito e como ele não teve conhecimento de tudo o que se passou durante sua loucura, precisa sempre um certo tempo para se pôr ao corrente. É por isso que, quanto mais durar a loucura durante a vida, muito mais tempo dura a opressão, o constrangimento depois da morte. O Espírito liberto do corpo se ressentido, algum tempo, da impressão dos seus laços.

RESUMO

A alma dos cretinos ou idiotas não é de natureza inferior. Eles trazem almas humanas não raro mais inteligentes do que supomos, mas sofrem da insuficiência dos meios de que dispõe para se comunicar, da mesma maneira que o mudo sofre da impossibilidade de falar. Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade, em que estão, por se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados. Passam por uma expiação decorrente do abuso que fizeram de certas faculdades. É um estacionamento temporário. Na condição de Espírito livre, o idiota freqüentemente tem consciência de seu estado mental e compreende que as cadeias que lhe obstam o vôo são prova e expiação.

Na loucura, a situação do Espírito é a do homem que, perdendo os olhos, ficou cego; sofrendo do ouvido, ficou surdo. Quando encarnado, encontra-se na contingência de agir com o auxílio de órgãos especiais. Imagine-se, agora, que seja o órgão que preside às manifestações da inteligência o atacado ou modificado parcial ou inteiramente. Compreende-se, então, que uma perturbação resultará, de que ele por si mesmo, e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso não lhe está nas mãos deter. Neste caso, o desorganizado é o corpo e não o Espírito, porque assim como o Espírito, porque assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele.

VI - Da infância

379 - O Espírito que anima o corpo de uma criança pode ser tão ou mais desenvolvido quanto o de um adulto, se ele progrediu mais, pois são apenas os órgãos imperfeitos que o impedem de se manifestar. Age de acordo com o instrumento de que se serve.

380 - Mesmo sem o obstáculo que a imperfeição dos órgãos opõe a sua livre manifestação, o Espírito numa criança pensa como criança e não como adulto, porque não se encontram ainda desenvolvidos nela os órgãos da inteligência. Efetivamente, é limitada a inteligência, enquanto a idade não lhe amadurece a razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa de súbito com o nascimento e só se dissipa com o desenvolvimento dos órgãos.

NOTA DE ALLAN KARDEC: Uma observação vem em apoio desta resposta: é que os sonhos de uma criança não tem o caráter dos sonhos de um adulto; seu objeto é quase sempre pueril, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381 - Com a morte da criança o Espírito retoma imediatamente o seu vigor primitivo, pois está desembaraçado do seu envoltório carnal; entretanto, ele não retoma a sua lucidez primitiva enquanto a separação não estiver completa, ou seja, enquanto não desaparecer toda a ligação entre o Espírito e o corpo.

382 - O Espírito encarnado não sofre, durante a infância, com o constrangimento imposto pela imperfeição dos seus órgãos; esse estado é uma necessidade; é natural e corresponde aos desígnios da Providência. **É um tempo de repouso para o Espírito.**

383 - Para o Espírito, a utilidade de passar pela infância, é que, encarnando-se com o fim de se aperfeiçoar, ele é mais acessível, durante esse tempo, às imperfeições que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação.

NOTA DE J. HERCULANO PIRES: Os pais e os professores espíritas devem ponderar sobre este item e os que se lhe seguem. O Espiritismo vem abrir um novo capítulo da Psicologia infantil e da Pedagogia, mostrando a importância da educação da criança não apenas para esta vida mas para a sua própria evolução espiritual.

384 - Os primeiros gritos da criança são de choro, para excitar o interesse da mãe e provocar os cuidados necessários. Se ela só tivesse gritos de alegria, quando ainda não sabe falar, pouco se inquietariam com suas necessidades. Assim, vemos que em tudo existe a sabedoria da Providência.

385 - A mudança que se opera no caráter, a uma certa idade, e particularmente ao sair da adolescência é o Espírito que retoma sua natureza e se mostra como ele era. Não conhecemos os segredos que escondem as crianças em sua inocência; não sabemos o que são, o que foram e o que serão, e, todavia, as amamos, as queremos bem como se fosse uma parte de nós mesmos, a tal ponto que o amor de uma mãe por seus filhos é considerado o maior amor que um ser pode ter por um outro ser. De onde vem essa doce afeição, essa ternura benevolência que mesmo os estranhos experimentam para com uma criança? Sabemos? Pois é isso que procuraremos explicar.

As crianças são seres que Deus manda a novas existências, para que não lhes possam imputar excessiva severidade; dá-lhes Ele, todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhes as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai.

Mas não é somente por elas que Deus lhes dá esse aspecto, é também e sobretudo por seus pais de cujo amor sua fraqueza necessita; esse amor seria singularmente enfraquecido à vista do caráter impertinente e rude, enquanto que crendo seus filhos bons e dóceis, dão-lhes toda a sua afeição e os acumulam de atenções as mais delicadas. Mas logo que os filhos não tem mais necessidade dessa proteção, dessa assistência, que lhes deram durante quinze ou vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez. Conservam-se bons se eram fundamentalmente bons, mas se revestem sempre matizes que estiveram ocultos pela primeira infância.

Os caminhos de Deus são sempre os melhores e, quando se tem o coração puro, a explicação é facilmente concebida.

Imaginamos que o Espírito das crianças que nascem entre nós pode vir de um mundo onde tomou hábitos muito diferentes; como podemos querer que permaneça em nosso meio esse novo ser que vem com paixões diferentes daquela que possuímos? Como podemos querer que esse novo ser se incorpore em nossas fileiras de outra forma que aquela que Deus quis, quer dizer pela peneira da infância? Aí se confundem todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as variedades de seres engendrados por essa multidão de mundos nos quais crescem as criaturas. Nos mesmos, quando morrermos, nos encontraremos numa espécie de infância entre novos irmãos e nessa nova existência não-terrestre ignoramos os hábitos, os costumes, as

relações desse novo mundo para nós. Manejaremos com dificuldade uma língua que não estamos habituados a falar, língua mais viva do que é hoje o pensamento.

A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas. Assim, portanto, a infância, é não só útil, necessária, indispensável, mas também consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.

RESUMO

O Espírito que anima o corpo de uma criança pode ser tão desenvolvido, ou mais ainda, que o de um adulto, conforme o seu progresso anterior. Apenas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar, porque obra de conformidade com o instrumento de que dispõe. É claro que, não estando ainda desenvolvidos na criança, não podem os órgãos da inteligência dar-lhe toda a intuição própria de um adulto. A perturbação que o ato da encarnação causa ao Espírito não cessa de súbito por ocasião do nascimento. Só gradualmente se dissipa. Por morte da criança, o Espírito que animava readquire o seu precedente vigor, porque se vê desembaraçado do invólucro que cerceava sua ação. Isto depende, entretanto, de que nenhum laço mais exista entre o Espírito desencarnado e o corpo que animava.

O que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo, em diferentes idades, é o fato de o Espírito retomar a natureza que lhe era própria, e se mostrar tal como era.

VII - Simpatias e antipatias terrenas

386 - Dois seres que se conheceram e se amaram, podem encontrar-se numa outra existência corpórea, embora não podendo reconhecerem-se, podem ser atraídos um pelo outro; e freqüentemente as ligações íntimas, fundadas numa afeição sincera, não provêm de uma outra causa. Dois seres se aproximam um ao outro por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que são resultado da atração de **dois Espíritos que se buscam através da multidão**.

386a - Nem sempre seria agradável para eles se reconhecerem. A recordação das existências passadas teria inconvenientes maiores do que pensais. Após a morte eles se reconhecerão e saberão em que tempo estiveram juntos. (Ver item **392**)

387 - A simpatia não tem por motivo um conhecimento anterior; dois espíritos que tenham afinidades se procuram naturalmente, sem que se hajam conhecido como encarnados.

388 - Ainda não nos é dado conhecer todas as ligações existentes entre os seres pensantes. O magnetismo é o piloto desta ciência que mais tarde iremos compreender melhor.

389 - Da mesma forma se dá, porém, no sentido inverso com as antipatias. Dois Espíritos antipáticos se advinham e reconhecem, experimentam uma repulsa instintiva sem se falarem.

390 - A antipatia instintiva nem sempre é um sinal de natureza má, pois que, dois Espíritos não são necessariamente maus, pelo fato de não serem simpáticos. A antipatia pode originar-se de uma falta de similitude do modo de pensar. Mas, à medida que eles se elevam, os matizes se apagam e a antipatia desaparece.

391 - A antipatia entre duas pessoas nasce indiferentemente, tanto naquele que é pior Espírito ou no que é melhor, mas as causas e os efeitos são diferentes. Um Espírito mau sente antipatia por quem quer que o possa julgar e desmascarar; vendo uma pessoa pela primeira vez, percebe que ela vai desaprová-lo; seu afastamento se transforma então em ódio, inveja, e lhe inspira o desejo de fazer mal. O bom Espírito sente repulsa pelo mau porque sabe que não será compreendido por ele e que ambos não participam dos mesmos senti-

mentos; mas, seguro de sua superioridade, não sente contra o outro nem ódio, nem inveja: contenta-se em evitá-lo e lastimá-lo.

RESUMO

Dois seres que se conheceram e estimaram, encontrando-se noutra existência corporal, podem sentir-se atraídos um para o outro, ainda que não se reconheçam. Muitas vezes dois seres se aproximam, devido a circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que na realidade são resultantes da atração de dois Espíritos que se buscam reciprocamente por entre a multidão. Entre os seres pensantes há ligações que ainda não conhecemos. O magnetismo é o piloto dessa ciência, que mais tarde este mundo compreenderá melhor.

VIII- Esquecimento do passado

392 - O Espírito encarnado perde a lembrança do passado porque o homem nem pode nem deve saber de tudo; Deus assim o quer, na sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa sem transição da obscuridade para a luz. **Pelo esquecimento do passado ele é mais ele mesmo.**

NOTA DE J. HERCULANO PIRES: Algumas traduções dizem: "Esquecido do passado ele é mais senhor de si". A frase francesa é a seguinte: "*Par l'oubli du passé il est plus lui-même*". O fato de "ser ele mesmo", na nova encarnação, parece-nos mais significativo do que ser "senhor de si".

393 - A cada nova existência o homem tem mais inteligência e pode melhor distinguir o bem e o mal. Onde estaria o seu mérito, se ele se recordasse de todo o passado? Quando o Espírito entra na sua vida de origem (a vida espírita), toda a sua vida passada se desenrola diante dele; vê as faltas cometidas e que são causa do seu sofrimento, bem como aquilo que poderia tê-lo impedido de cometê-las; compreende a justiça da posição que lhe é dada e procura então a existência necessária a reparar a que acaba de escoar-se. Procura provas semelhantes aquelas porque passou, ou as lutas que acredita apropriadas ao seu adiantamento, e pede a Espíritos que lhes são superiores para o ajudarem na nova tarefa a empreender porque sabe que o Espírito que lhe será dado por guia nessa nova existência procurará fazê-lo reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das que ele cometeu. Essa mesma intuição é o pensamento, o desejo criminoso que freqüentemente, vos assalta e ao qual resistis instintivamente, atribuindo a vossa resistência, na maioria das vezes, aos princípios que recebestes de vossos pais, enquanto é a voz da consciência que vos fala, e essa voz é a recordação do passado, voz que vos adverte para não cairdes nas faltas anteriormente cometidas. Nessa nova existência, se o Espírito sofrer as suas provas com coragem e souber resistir, eleva-se a si próprio e ascenderá na hierarquia dos Espíritos, quando voltar para o meio deles.

NOTA DE ALLAN KARDEC: Se não temos, durante a vida corpórea, uma lembrança precisa daquilo que fomos, e do que fizemos de bem ou de mal em nossas existências anteriores, temos, entretanto, a sua intuição. E as nossas tendências instintivas são uma reminiscência do nosso passado, às quais a nossa consciência, - que representa o desejo por nós concebido de não mais cometer as mesmas faltas - adverte que devemos resistir.

394 - Existem mundos, cujos habitantes têm uma lembrança muito clara e muito precisa de suas existências passadas. Esses, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite saborear. Mas existem outros mundos onde os habitantes, colocados em melhores condições, não tem menos aborrecimentos, infelicidade mesmo; esses não apreciam sua felicidade pelo fato mesmo de que não tem lembrança de um estado ainda mais infeliz. Se eles não a apreciam como homens, apreciam-na como Espíritos.

NOTA DE ALLAN KARDEC: Não há, no esquecimento das existências passadas, sobretudo quando foram penosas, alguma coisa de providencial, onde se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não passa de um sonho mau, que elas se apresentam à memória. É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não passa de um sonho mau, que elas se apresentam à

memória. Nos mundos inferiores, as infelicidades presentes não seriam agravadas pela recordação de tudo aquilo que se tivesse suportado? Concluamos, portanto, que tudo quanto Deus faz é bem feito, e que não nos cabe criticar as suas obras e dizer como Ele deveria ter regulado o Universo.

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos extraordinariamente; em outros exaltar o nosso orgulho, e por isso mesmo entravar o nosso livre arbítrio. Deus nos deu, para nos melhorarmos, justamente o que o nos é necessário e suficiente: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, tirando-nos aquilo que nos poderia prejudicar. Acrescentemos ainda que, se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos a dos atos alheios, e esse conhecimento poderia ter os mais desagradáveis efeitos sobre as relações sociais. Não havendo sempre motivo para nos orgulharmos do nosso passado, é quase sempre uma felicidade que um véu seja lançado sobre ele. Isso concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos sobre os mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde não reina senão o bem, a lembrança do passado, não tem nada de penosa; eis porque sabem aí de sua existência precedente, como nós sabemos o que fizemos na véspera. Quanto à estada que fizeram nos mundos inferiores, como dissemos, não é mais que um sonho mau.

395 - Nem sempre podemos ter algumas revelações sobre as nossas existências anteriores. Muitos sabem, entretanto, o que foram e o que fizeram; se lhes fosse permitido dizê-lo abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.

396 - Algumas pessoas crêem ter a vaga lembrança de um passado desconhecido, vislumbrando como a imagem fugitiva de um sonho que em vão se procura deter. Essa idéia algumas vezes é real; mas quase sempre é também uma ilusão, contra a qual se deve precaver, pois pode ser o efeito de uma imaginação supereixitada.

397 - Nas existências corpóreas de natureza mais elevada que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa, à medida que o corpo é menos material, recorda-se melhor. A lembrança do passado é mais clara para aqueles que habitam os mundos de uma ordem superior.

398 - As tendências instintivas do homem, sendo uma reminiscência do seu passado, pelo estudo dessas tendências ele poderá reconhecer até certo ponto, as faltas que cometeu, mas é necessário ter em conta a melhora que se possa ter operado no Espírito e as resoluções que ele tomou no seu estado errante. A existência atual pode ser muito melhor que a precedente.

NOTA DE J. HERCULANO PIRES: As pessoas que tanto se interessam por saber o que foram em vidas anteriores devem prestar atenção a estes itens. Pelo estudo de suas tendências atuais, não esquecendo o progresso que devem ter realizado, teriam uma idéia do que foram e do que fizeram.

398a - Dependendo do seu adiantamento, homem pode cometer numa existência faltas não cometidas na precedente. Se ele não souber resistir às provas, pode ser arrastado a novas faltas que serão a consequência da posição por ele mesmo escolhida. Mas em geral essas faltas denunciam antes um estado estacionário do que retrógrado, porque o Espírito pode avançar ou se deter, mas não recuar.

399 - As vicissitudes da vida corporal, sendo ao mesmo tempo uma expiação pelas faltas passadas e provas para o futuro, segue-se que da natureza dessas vicissitudes pode-se muito freqüentemente, induzir o gênero da existência anterior, pois, cada um é punido por aquilo que pecou; entretanto, não é preciso fazer disso uma regra absoluta. As tendências instintivas são um índice mais seguro, porque as provas que um Espírito sofre, tanto se referem ao futuro quanto ao passado.

NOTA DE ALLAN KARDEC: Chegado ao termo que a Providência marcou para a sua vida errante, o Espírito escolhe por si mesmo as provas às quais deseja submeter-se, para apressar o seu adiantamento, ou seja, o gênero de existência que acredita mais apropriado a lhe fornecer os meios, e essas provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se nelas triunfa, ele se eleva; se sucumbe, tem de recomeçar.

O Espírito goza sempre do seu livre arbítrio. É em virtude dessa liberdade que, no estado de Espírito, escolhe as provas da vida corpórea, e no estado de encarnado delibera o que fará ou não fará, escolhendo entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre arbítrio seria reduzi-lo à condição de máquina.

Integrado na vida corpórea, o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse. Não obstante, tem às vezes uma vaga consciência, e elas podem mesmo lhe ser reve-

ladas em certas circunstâncias. Mas isto não acontece senão pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente, com um fim útil, e jamais para satisfazer uma curiosidade vã.

As existências futuras não podem ser reveladas em caso algum, por dependerem da maneira por que se cumpre a existência presente e da escolha ulterior do Espírito.

O esquecimento das faltas cometidas não é obstáculo à melhoria do Espírito, porque, se ele não tem uma lembrança precisa, o conhecimento que delas teve no estado errante e o desejo que concebeu de as reparar, guiam-no pela intuição e lhe dão o pensamento de resistir ao mal. Este pensamento é a voz da consciência, secundada pelos Espíritos que o assistem, se ele atende às boas inspirações que estes lhe sugerem.

Se o homem não conhece os próprios atos que cometeu em suas existências anteriores, pode sempre saber qual o generoso de faltas de que se tornou culpado, e qual era o seu caráter dominante. Basta que se estude a si mesmo, e poderá julgar o que foi, não pelo que é, mas pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea são, ao mesmo tempo, uma expiação das faltas passadas e provas para o futuro. Elas nos depuram e nos elevam, se as sofremos com resignação e sem murmúrios.

A natureza das vicissitudes e das provas que sofremos pode também esclarecer-nos sobre o que fomos e o que fizemos, como neste mundo julgamos os atos de um criminoso pelo castigo que a lei lhe inflige. Assim, este será castigado no seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e avaro, pela miséria; aquele que foi duro para os outros, pelo tratamento duro que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão dos seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

Assim, alguém será castigado no seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avaro, pela miséria; o que foi duro para os outros, pela dureza que suportará; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

RESUMO

O Espírito encarnado perde a lembrança do passado, porque o homem não pode nem deve saber de tudo. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado. Esquecido de seu passado, ele é mais senhor de si.

Quando o Espírito volta à vida anterior (à vida espiritual) então diante de seus olhos se estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Busca, então, uma nova existência capaz de reparar a que vem transcórrer. Contudo, muitos Espíritos encarnados sabem o que foram e o que faziam em existências anteriores. Para conhecermos o que fomos em nossas vidas anteriores, é bastante que examinemos quais são as nossas tendências instintivas, visto que as provas por que passa o Espírito, na Terra, tem relação íntima com o que respeita ao seu passado.